

**Configuração Física de Parques Lineares Urbanos: Um estudo aplicado no
Parque Parahyba I, em João Pessoa-PB**

José Augusto Ribeiro da Silveira

Professor Doutor, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil
ct.laurbe@gmail.com

Larissa Ellen Oliveira de Lima

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil.
lariellen12@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe-se a investigar os aspectos físicoespaciais de parques urbanos, com ênfase em uma tipologia específica - o parque linear, com o objetivo de contribuir para o entendimento mais aprofundado sobre esse assunto. Os parques urbanos constituem ambientes construídos, predominantemente com alta densidade de vegetação. Esse tema situa-se no âmbito da sustentabilidade ambiental e urbana, a exemplo de aspectos ligados ao clima, paisagem, permeabilidade urbana, condições de acessibilidade e mobilidade, conforto ambiental, etc. Estes espaços verdes também podem ter a função de conexão e integração de lugares na cidade contemporânea, além da compatibilização com a geografia e sociabilização urbana, economia com investimento em infraestruturas convencionais, favorecimento à integração modal dos transportes e da cidade como um todo e diminuição da poluição urbana. A pesquisa tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, pesquisas de campo englobando a realização de um estudo de caso no Parque Parahyba I, em João Pessoa-PB, Brasil. Foram identificados os principais aspectos físicoespaciais do objeto de estudo referentes a sua configuração e morfologia e verificou-se que os parques lineares possuem algumas características em comum, porém sem padrões rígidos, pois se moldam as especificidades de contextos urbanos.

PALAVRAS-CHAVES: espaços livres; parque lineares; configuração

1. INTRODUÇÃO

O parque, enquanto **espaço livre público** estruturado por vegetação, é um elemento típico da grande cidade moderna, estando em constante processo de recodificação e tem o papel de ser um local dedicado ao lazer de uso público. (MACEDO; SAKATA, 2010).

Sobre a criação de mais **áreas verdes** em cidades com baixa disponibilidade de espaços, Maddox (2016) diz que os parques lineares são uma solução para a criação de mais espaços livres com função social e ambiental, devido a sua geometria, possibilitando mais acesso aos seus benefícios. O mesmo autor diz que é suportado a “acomodação do design de parques lineares como parte do tecido natural e da topografia da cidade, ao longo de rios, perto de estradas, ao longo de recursos topográficos e assim por diante”. Sobre isto, Macedo e Sakata (2010) dizem que a cidade brasileira contemporânea necessita de novos parques, em geral com dimensões menores devido à escassez e ao alto custo da terra. Para Magnoli (2006) o espaço urbano, um dos fatores da qualidade de vida urbana, é fortemente influenciado pela configuração física do espaço livre. Diante disto, torna-se pertinente a reflexão acerca da configuração dessas áreas verdes no espaço urbano.

Os termos de **configuração** e **morfologia** são utilizados no presente artigo conforme o conceito de Medeiros (2006), que aborda a configuração como um conjunto de elementos que se articulam ou arranjo das estruturas em um dado sistema e morfologia como o estudo da forma, que contempla também os sentidos de posição e padrão. O autor diz que “a forma e a estruturação seguem linhas comuns e andam juntas, confundindo-se semanticamente”.¹

Sobre isto, Mohr (2003) enfatiza que o parque se constitui por intermédio da articulação de espaços e elementos. A composição e inter-relação deles tem importância no que diz respeito tanto a forma como à utilização dos lugares.

¹ O presente artigo é parte da dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFPB), com título “CONFIGURAÇÃO FÍSICA E QUALIDADE DE PARQUES LINEARES URBANOS. Uma experiência aplicada no Parque Parahyba I, em João Pessoa-PB.

2. BREVE ABORDAGEM SOBRE A TIPOLOGIA DE PARQUES LINEARES

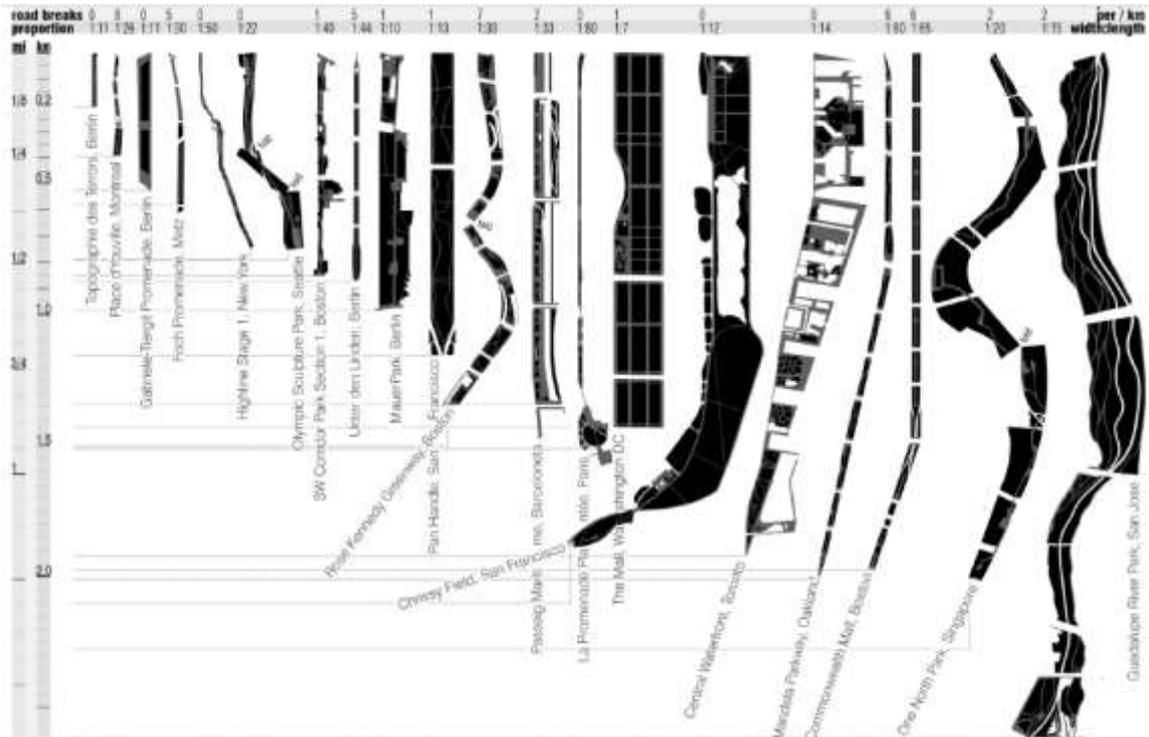
Em termos de estrutura, os parques lineares são áreas longitudinais, que tem aumentado sua relevância por se apresentar como propostas de requalificação no meio urbano, transformando áreas que se encontravam abandonadas, degradadas e sem função na cidade. Este tipo de revitalização urbana causa efeitos no ambiente, como o enriquecimento visual, cultural e funcional da região (Nefs, 2005). Sendo assim, esses espaços são resignificados para sua nova função voltada ao lazer público, contemplação e eventos culturais, sem perder os aspectos históricos que contribuem com a identidade e cultura local. Essas novas áreas consolidadas também integram a vegetação com o meio urbano, gerando uma valorização do seu entorno.

Kullmann (2011), em seus estudos sobre espaços lineares expõe que “os espaços de bordas lineares podem ser interpretados como os fios que tecem as disciplinas da arquitetura da paisagem, do desenho urbano, do planejamento e da ecologia”. O autor diz que este tema é amplamente discutido no contexto de sistemas maiores e do ponto de vista ecológico, e que ainda precisa de uma maior discussão crítica em termos de qualidades projetuais.

Para Friedrich (2007) os parques lineares possuem uma forma estreita e alongada, são compostos por polos, cada um com uma programação específica e que devem ser interligados por calçadas, ciclovias e faixas de vegetação.

No estudo *Thin parks/thick edges: towards a linear park typology for (post)infrastructural sites*, o autor Kullmann (2011), com a utilização de métricas espaciais e observacionais, realizou uma pesquisa baseado em dados qualitativos e quantitativos, coletados a partir de uma análise com 20 parques lineares na Europa e na América, com o objetivo de estabelecer um escopo mais claro de tipos e características projetuais desta tipologia para auxiliar projetistas no planejamento urbano, que o autor chama de “finos”, tanto em termos de qualidades específicas de desenho, quanto das influências de seu contexto urbano circundante (Figura 1).

Figura 1. Diagrama com 20 parques lineares analisados por Kullmann (2011)



Fonte: Kullmann (2011)

O diagrama acima demonstra os 20 parques lineares analisados por Kullmann (2011), relacionando as dimensões, proporções e fragmentações, que se encontram no topo e na lateral esquerda da imagem.

Sobre esta busca por padrões estruturais, Medeiros (2006) expõe que:

Ao investigarmos sistemas e suas estruturas procuramos as semelhanças e diferenças e, ao compararmos sistemas distintos, buscamos encontrar padrões de repetição que permitam interpretar o fenômeno desta ou daquela maneira.

O princípio de padrão em uma estrutura compreende uma configuração de relações características de um sistema em particular. Os sistemas tendem a ter um padrão específico de ordenamento de sua estrutura respectiva. (MEDEIROS, 2006, p. 90)

Kullmann (2011), em seu artigo, identificou 19 características de configuração física, que posteriormente foram refinadas em 7 tipos. O autor considera importante estudos à luz dos padrões subjacentes de parques lineares, que demonstram características que não são tão claras na literatura, enquanto metodologia descritiva e analítica. Tais características que emergiram dessa análise, são resumidas e expostas nos itens – síntese a seguir. Posteriormente, será analisado em quais dessas características o objeto empírico do estudo, que faz parte de uma dissertação em andamento, se enquadra.

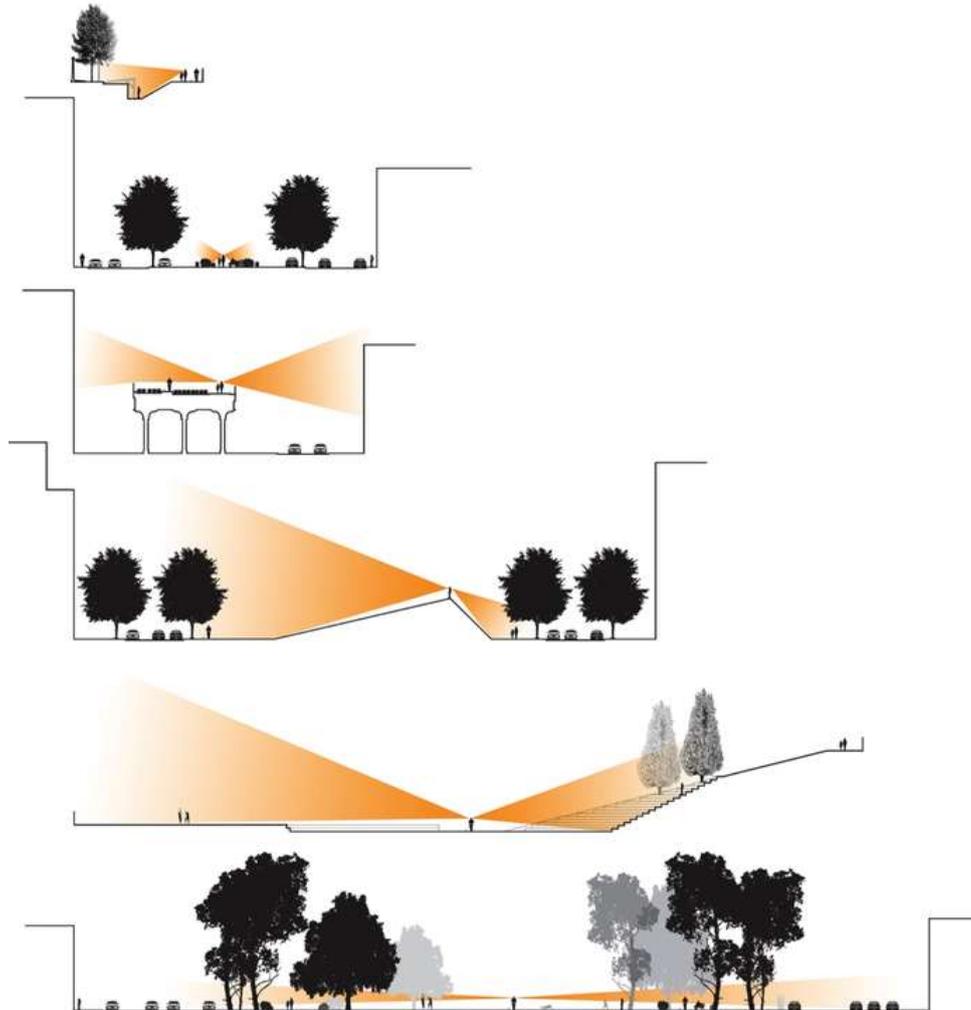
1. *Proportional definition* (definição proporcional)
2. *All edge* (todo borda)
3. *Limits on size* (limites no tamanho)

4. *Contiguity vs. cross-connectivity* (contiguidade vs. conectividade cruzada)
5. *Lateral porosity* (permeabilidade lateral -acessos)
6. *Absence of ecotones* (interfaces rígidas – “ausência de octógonos”)
7. *Linear transit* (trânsito linear)
8. *Tunnel vision* (visão de túnel)
9. *Geometric rigidity* (rigidez geométrica)
10. *Peninsula effect* (efeito de península)
11. *Compressed circulation* (circulação comprimida)
12. *Design continuity* (continuidade de design)
13. *Programmatic exclusivity vs. layering* (exclusividade programática versus camadas)
14. *Programmatic shoehorning* (espaços programados)
15. *Incubators of spectacle* (incubadores de eventos)
16. *Typological vulnerability* (vulnerabilidade tipológica)
17. *Evasive identity* (identidade evasiva)
18. *Fragile genealogies* (genealogia frágeis)
19. *Disciplinary possession* (possessão disciplinar)

Em relação às características “limites no tamanho” e “definição proporcional”, o diagrama a seguir, na Figura 2, exemplifica com exemplos de “impressões das bordas” do ponto de vista do usuário imerso no interior de parques com diferentes dimensões e geometrias, demonstrando como esses aspectos influenciam na percepção do usuário da linearidade desses espaços.

De acordo com Kullmann (2011), essa impressão gerada nos usuários é criada por meio de uma relação entre a distância física e a extensão ou restrição das linhas de visão, seja por visão direta, sons periféricos ou implícito pela presença de características físicas normalmente associadas a uma borda.

Figura 2. Diagrama com impressões visuais típicas de parques lineares em diferentes dimensões. (a) Topographie des Terrors, Berlim; (b) Avenue Foch Promenade, Metz, França; (c) High Line, Nova York; (d) Promenade Gabriele-Tiergit, Berlim; (e) Mauerpark, Berlim; (f) Panhandle, San Francisco, CA. Desenho (b) de Meghan Sharp, desenho (f) de Gar-Yin Lee.



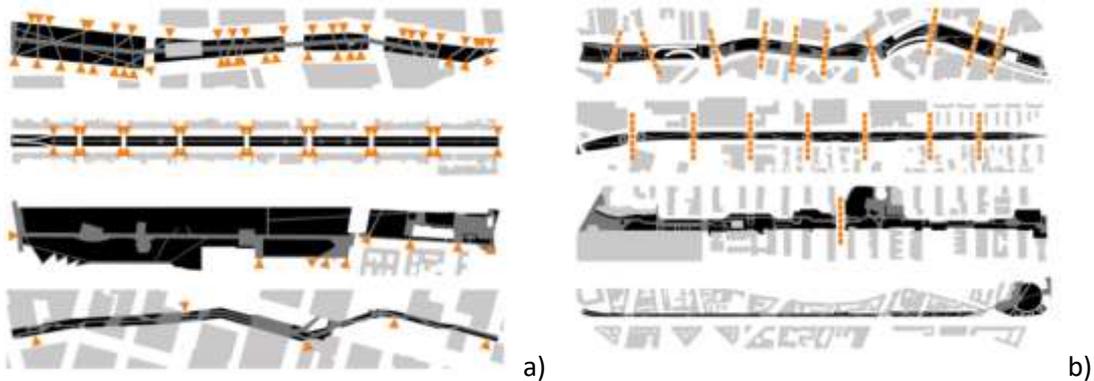
Fonte: Kullmann (2011)

Friedrich (2007) corrobora o argumento relacionado à proporção de tamanho desses espaços verdes, dizendo que morfologicamente os parques lineares caracterizam-se pela pequena dimensão no sentido da largura em relação ao seu comprimento. Porém, mesmo um parque com uma taxa de proporção próxima a 1:10, se for demasiadamente grande, o usuário estará imerso e não terá a impressão das bordas, perdendo a percepção de linearidade, assim terá a sensação de estar em um “grande parque”.

Em relação às características de fragmentação e permeabilidade, os graus de permeabilidade variam muito entre os parques lineares, conforme podemos observar na Figura 3. A *Place d'Youville*, em Montreal, e o *Commonwealth Mall*, em Boston são altamente permeáveis lateralmente, uma condição que estabelece uma abundância de pontos de acesso para pedestres das calçadas adjacentes, em ambos os casos. *High Line* e *Mauerpark* contêm uma quantidade bem menor de acessos laterais. No entanto, segundo Kullmann (2011), o alto desempenho de um parque linear não parece ser fortemente influenciado pela permeabilidade

lateral, pois a permeabilidade restrita pode potencializar a sensação de exotismo ou diferença (Kullmann, 2011).

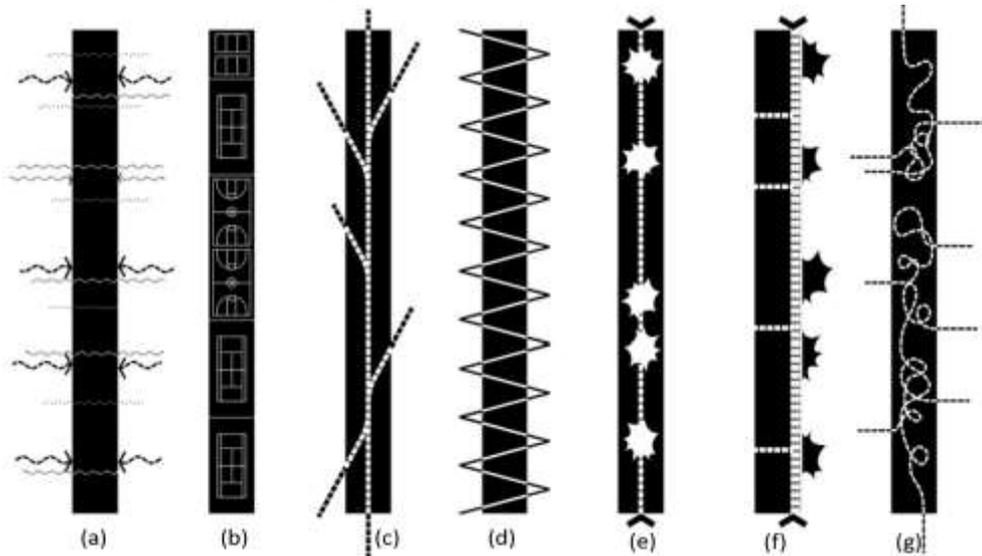
Figura 3. Diagramas com exemplos de permeabilidade (a) e fragmentação (b) em parques lineares.



Fonte: Kullmann (2011)

Baseado na apresentação das características encontradas nos 20 parques lineares analisados, o autor classifica estes espaços em 7 tipos, considerando sua forma, arranjo dos elementos espaciais, modos de uso, contexto urbano e na repetição das características principais, agrupando-os em parques que: filtram, tem áreas programadas, conduzem, costuram, proporcionam eventos (programado para sediar eventos), são elevados e arborizados (com vegetação densa e imersiva, como um “matagal”) (Figura 4)²

Figura 4. Tipos de parques lineares



Fonte: Kullmann (2011)

² (a) filter; (b) programme sink; (c) conduit; (d) suture; (e) stage; (f) pedestal; (g) thicket. (KULLMANN, 2011)

Segundo o autor, o objetivo desta classificação em tipos é ilustrar as congruências entre parques finos que transcendem a influência das origens desses locais, (por exemplo, infraestrutura abandonada, nas margens de rios urbanos, etc.), a fim de fornecer uma linha de base de uso descritivo e prescritivo para arquitetos e paisagistas, que tentam compreender os parques lineares existentes e conceber novos projetos (KULLMANN, 2011).

Percebe-se que com diferentes tipos de parques lineares, estes espaços são capazes de se adequar a vários cenários urbanos, representando sua realidade local. Um parque também pode apresentar vários destes tipos. Tais padrões servem como um guia para a criação de novos parques lineares, como também para compreensão dos espaços verdes existentes e reflexão sobre o desempenho destes.

3. CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS

O presente estudo busca contribuir com reflexões acerca dos parques urbanos, com ênfase na tipologia parque linear e sua configuração física, para o entendimento de sua aplicabilidade em espaços vazios ou subutilizados específicos, vistos como estratégias urbanas de sustentabilidade do ambiente construído, como também possibilitar reflexões e fornecer premissas para o entendimento do planejamento desses espaços verdes lineares.

4. METODOLOGIA

A pesquisa tem uma abordagem teórica e empírica, de natureza aplicada, exploratória, descritiva e qualitativa, onde foi utilizado o estudo de caso como estratégia de investigação. Para Chizzotti (2000) e Yin (2001), o estudo de caso é uma investigação caracterizada por pesquisas que coletam e registram características holísticas e significativas de casos reais particulares ou de vários casos, objetivando a tomada de decisões e propostas de ações transformadoras. Nesta investigação foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: análise bibliográfica, pesquisa em campo com registro fotográfico e descritivo, análise de mapas e imagens aéreas.

5. O PARQUE: ELEMENTO MORFOLÓGICO DO TECIDO URBANO

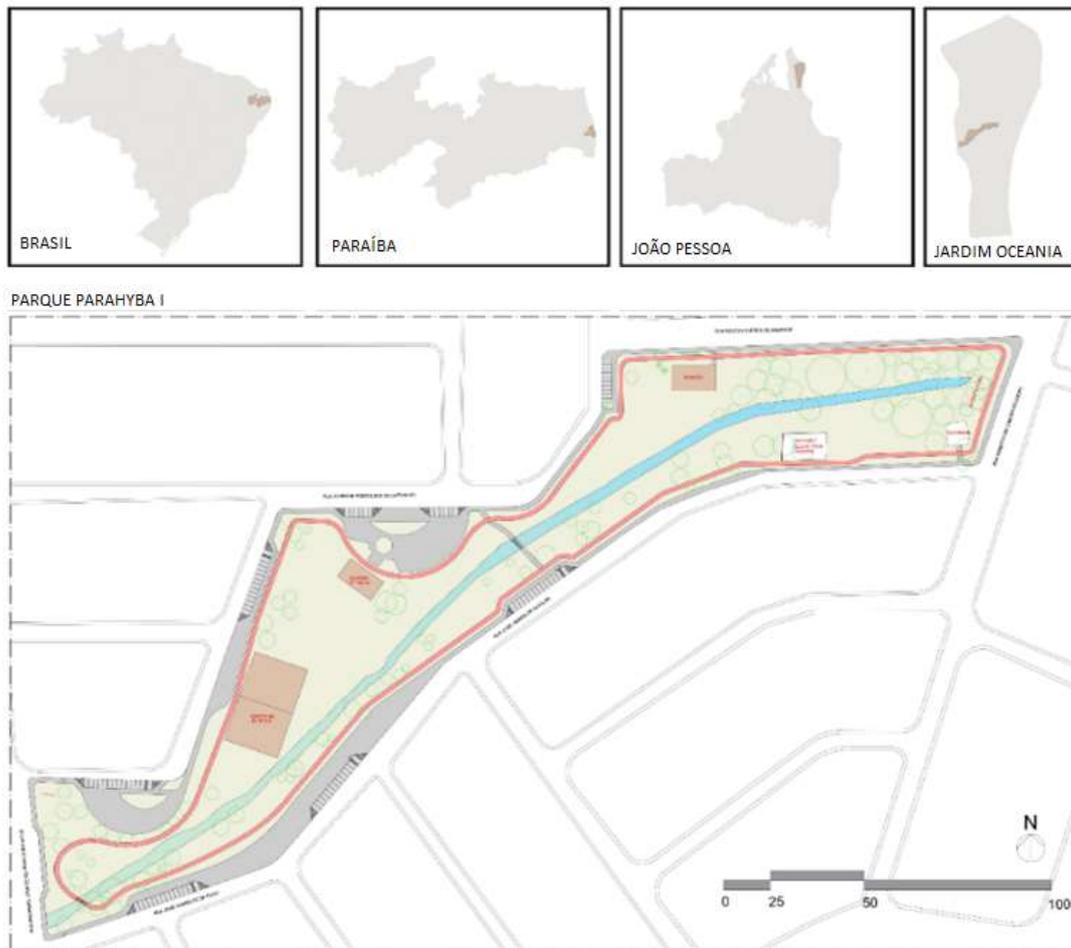
Foi realizada uma análise no Parque Parahyba I, em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, no bairro Jardim Oceania, localizado na zona leste do município (Figura 5). A cidade possui população de 809.105 (IBGE, 2019). A paisagem natural do município em que está inserido o objeto de estudo, foi fortemente devastada com a ocupação das áreas litorâneas de áreas verdes para obras de infraestrutura e residências que fazem parte do contexto de crescimento urbano.

Apesar disso, a cidade possui em seu território paisagens naturais litorâneas e algumas áreas verdes sob proteção de legislação ambiental e urbanística, nos níveis municipal, estadual e federal. Nesse contexto, a área de estudo da pesquisa, conforme a Lei nº 11.854³, de 10 de janeiro de 2010, faz parte da delimitação definida como Parque Linear Urbano -

³ Lei publicada no Semanário Oficial da PMJP nº 1202.

Parque Parahyba, inserido em uma Zona de Preservação Ambiental (ZPA) e de Proteção Paisagística, no mapa de zoneamento urbano e ambiental, contido no Plano Diretor de João Pessoa.

Figura 5. Localização da área de estudo



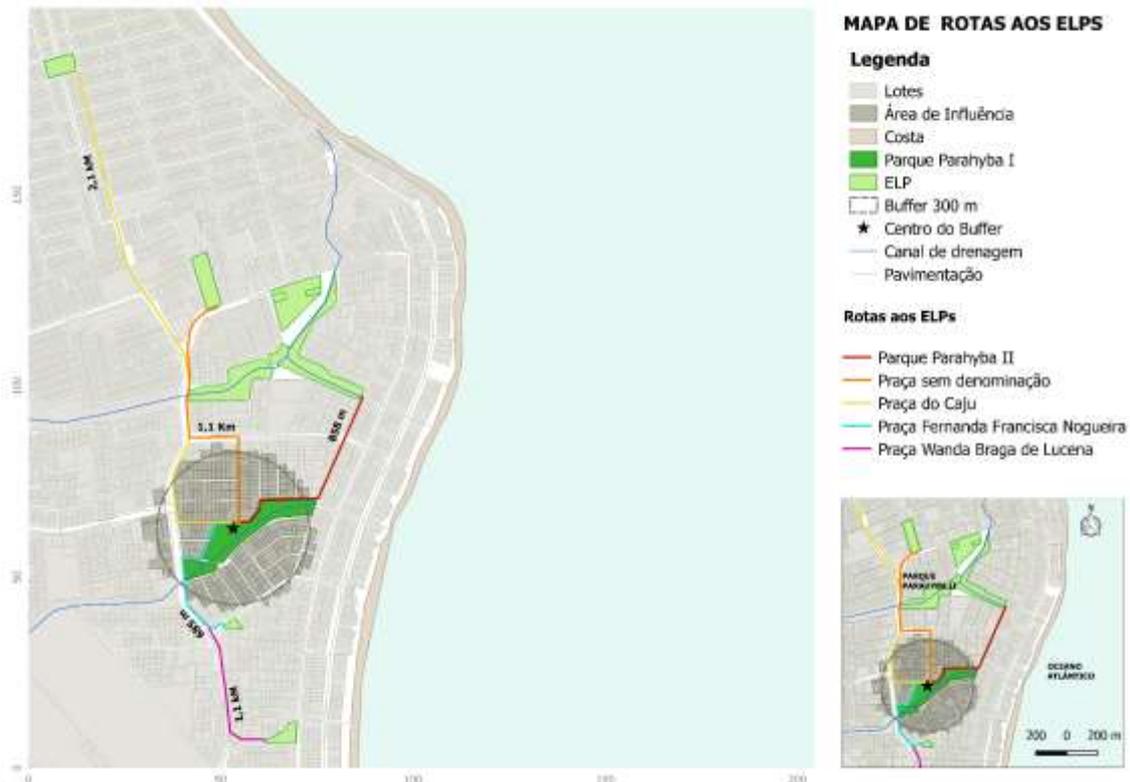
Fonte: BATISTA (2019), adaptado pelos autores (2020)

A obra está inserida ao longo de canais de drenagem que se integram à bacia hidrográfica do rio Jaguaribe. O projeto do parque citado faz parte do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica, lançado em 2010, que tem como objetivo construir um instrumento norteador das diretrizes ambientais para a gestão municipal.

Porém, só foram executadas duas etapas até o momento, denominadas de Parque Parahyba I e Parque Parahyba II, o segundo compreende o trecho 2 do projeto estadual de urbanização do Parque (Figura 6), situados no bairro Jardim Oceania, em João Pessoa, Paraíba. Estas duas áreas não possuem uma conexão que faça parte dos Parques, criando assim dois parques distintos.

O Parque Parahyba II conta com uma área de aproximadamente 99 mil m², uma extensão maior que o Parque Parahyba I, entretanto poucas áreas em toda sua extensão são utilizadas pela população (BATISTA, 2019).

Figura 6: Mapa com rotas e distância do Parque Parahyba I a outros Espaços Livres da área.



Fonte: BATISTA (2019)

Diante do exposto, vale salientar que os acessos aos espaços destacados anteriormente ultrapassam os 500 metros, considerado pela literatura como o limite máximo para percorrer ao longo de uma caminhada, limitando assim o acesso para quem mora nas proximidades do Parque Parahyba I e deseja fazer esse percurso a pé (BATISTA,2019).

É necessário compreender o parque urbano linear como integrante de um conjunto mais amplo de elementos físicos que constitui o tecido urbano da cidade.

De acordo com Coelho et al. (2013), o tecido urbano exprime a realidade da cidade construída, sendo constituído por ruas, parcelas, edifícios, infraestruturas, etc., ou seja, toda a cidade física.

Para Panerai, (2006) o tecido urbano é um termo metafórico que faz referência a tecelagem ou à biologia e “aplicando à cidade, o termo “tecido” evoca a continuidade e a renovação, a permanência e a variação” e expressa a relação entre seus diversos componentes.

Quando nos referimos a uma rua, uma praça ou um quarteirão, estamos necessariamente a proceder o artifício de desagregar elementos verdadeiramente indecomponíveis: as ruas ou praças são constituídas por quarteirões, e pelo contrário, esses espaços edificados só podem existir pela definição dos vazios públicos. Apesar desse facto, cada elemento pode ser compreendido por si e tem uma natureza própria e distinta da dos outros elementos dos quais a realidade é indissociável (COELHO et al., 2013).

Neste sentido, tal decomposição do tecido urbano em elementos pode ser um método para auxiliar na leitura interpretativa do espaço livre público, pois a leitura do tecido urbano é mais fácil de ser compreendida quando é decomposta em elementos menores (BAIARDI, 2018).

No presente artigo o elemento de estudo é o Parque Linear Parahyba I e seu entorno de 300m. Realizando o procedimento de decomposição sistêmica e elementar da área de estudo, temos:

Figura 7: Decomposição morfológica sistêmica e o parque na área de estudo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Na figura 7 há o contexto em que se insere o objeto de estudo, no bairro Jardim Oceania, que se limita com os bairros do Bessa e Aeroclub. Ao lado é exposta a decomposição morfológica sistêmica e o parque na área em estudo, com o tecido urbano, traçado, parcelário, a malha e o parque urbano.

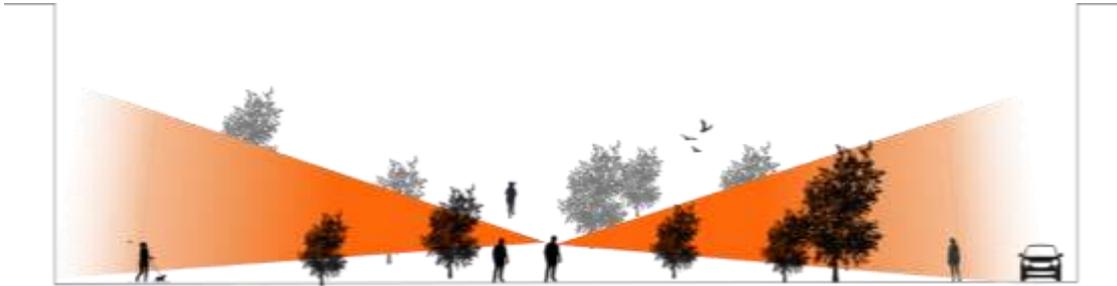
5.1 ESTUDANDO “THIN PARKS/THICK EDGES”: CAPTURANDO O TIPO FÍSICO DO PARQUE PARAHYBA I, EM JOÃO PESSOA-PB

Com o objetivo de compreensão do objeto empírico dessa pesquisa, será realizado um estudo inicial de análise da configuração física e morfologia do parque, como parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado sobre parques urbanos lineares, com base nas características e tipos de parques lineares analisados por Kullmann (2011), em seu artigo intitulado *Thin parks/thick edges: Towards a linear park typology for (post)infrastructural sites*.

Na análise da forma do parque, percebe-se na figura anterior que este espaço não tem uma única dimensão de largura, há diferentes larguras ao longo de seu eixo. Este aspecto contribui para a redução do efeito de “tunelamento” descrito por Kullmann (2011). Outro atributo descrito pelo autor é em relação a percepção das margens e do entorno do parque, assim, observou-se que o usuário localizado no centro parque, consegue ter a percepção de suas bordas, da movimentação dos pedestres, do tráfego e de sons de seu contexto urbano

circundante, isto é, consegue ter a percepção visual e sonora de seu entorno imediato (Figura 8).

Figura 8. Abstração da percepção visual de usuários do Parque Parahyba I, em João Pessoa-PB



Fonte: Elaborado pelos autores, baseado em Kullmann (2019)

No que concerne a permeabilidade lateral, outra característica abordada pelo autor, o parque tem limites abertos, ou seja, as pessoas podem acessá-lo de qualquer ponto no seu entorno. Na Figura 9, a linha laranja que acompanha o perímetro do parque representa os locais com acesso ao redor do local e as setas laranjas indicam os pontos de acesso com rampa.

Figura 9. Permeabilidade do Parque Parahyba I



Fonte: Elaborado pelos autores (2019). Baseado nos diagramas de Kullmann (2011)

Dos tipos de parques lineares analisados por Kullmann (2011), foram encontrados no objeto de estudo empírico os seguintes: filtro, áreas programadas, eventos e conduíte. Como uma forma de abstração, baseada no trabalho do autor, foram desenhados os diagramas a seguir.

Figura 10. Diagramas - tipos encontrados no Parque Parahyba I



Fonte: Elaborado pelos autores (2019). Baseado nos diagramas de Kullmann (2011)

O parque é do tipo conduíte, pois conduz a mobilidade pedonal de um ponto inicial a um ponto final. Observou-se durante as visitas em campo que alguns usuários utilizam o parque como passagem para chegar a seus destinos. O local também realiza o filtro do tráfego, absorvendo apenas pedestres e ciclistas, e contém áreas programadas com usos funcionais pré-definidos, como quadras, parque para animais e playgrounds.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parques lineares possuem algumas características em comum, porém não há um parâmetro rígido para caracterizar essa tipologia. Estes espaços verdes urbanos são adequados para seus contextos urbanos particulares, ou seja, as características que determinam o sucesso de um parque linear variam de acordo com os determinados locais, além de serem fortemente influenciadas pelo seu contexto urbano, seus terrenos onde são implantados e adaptabilidade às realidades locais.

O conhecimento das diversas identidades desta tipologia, como as que foram apresentadas no presente artigo, contribuem tanto para a reflexão sobre esses espaços livres públicos, como também para o auxílio do planejamento de parques lineares em um determinado ambiente urbano.

Diante disso, é importante ampliar a base de conhecimentos sobre essas locais, de forma interdisciplinar e de variadas dimensões, visto que nas cidades contemporâneas não há tanto espaço disponível para a criação de grandes parques, fazendo com que parques lineares se tornem cada vez mais vistos como alternativa de sustentabilidade ambiental, social e econômica para a cidade, criando redes verdes que integram pessoas e meio ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIARDI, Y. C. L. B. **Nó de transporte e lugar. Desafios e Potencialidades para o Desenvolvimento.** Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

BATISTA, A. B. R. **O mobiliário urbano na ativação dos espaços livres públicos Um estudo de caso do Parque Parahyba I, João Pessoa/ PB.** Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba, 2019.

- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4ª ed. ed. São Paulo: 2000.
- COELHO, C. D. et al. Cadernos Murb - **Os elementos urbanos**. Argumentum. Lisboa. v. 1, 2013.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. 3a ed. Edusp, 2010.
- MAGNOLI, M. M. **O parque no desenho urbano**. Paisagem e Ambiente: ensaios, v. 21, São Paulo, p. 199–214, 2006.
- MEDEIROS, José Marcelo Martins. **Parques lineares ao longo de corpos hídricos urbanos: conflitos e possibilidades; o caso da orla do lago Paranoá – DF**. 2016. xvi, 368 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- MOHR, U. S. **Os grandes espaços do lazer urbano, arquitetura dos parques públicos: morfologia, tipologia e potencialidades**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- NEFS, M. **Incubadoras urbanas**. Políticas de revitalização urbana através de subculturas. A experiência paulistana e o contexto internacional. Vitruvius. Arqtextos, 2005.
- FRIEDRICH, Daniela. **O Parque Linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas**. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura – Programa de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, 2007.
- IBGE. **Censo demográfico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- KULLMANN, K. Thin parks/thick edges: Towards a linear park typology for (post)infrastructural sites. **Journal of Landscape Architecture**, v. 6, n. 2, 2011.
- MADDOX, D. **Frameworks , Values , and the Glory of Dandelions**. Disponível em: <https://www.thenatureofcities.com/>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- PANERAI, P. **Análise urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.